

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS E
RELATOS DA PRÁTICA DOCENTE**

**LETTERING PRACTICES IN CHILD EDUCATION: EXPERIENCES AND
REPORTS OF TEACHING PRACTICE**

Recebido em: 24/07/2020

Aceito em: 17/08/2020

Resumo: Este trabalho consiste em um relato de experiência desenvolvida por duas professoras do município de Jaguarão, no sul do estado do Rio Grande do Sul que realizam práticas de leitura não convencional com crianças de três anos. As professoras denominaram a atividade relatada como “o contador de histórias” que tem por objetivo promover situações significativas de letramento a partir das “brincadeiras de ler” para as crianças da primeira etapa da educação básica. Desse modo, elas pretendem com esse relato mostrar a possibilidade de trabalhar com a prática social da leitura mesmo que os alunos da educação infantil não leiam convencionalmente. O hábito de ler se constrói aos poucos e por esse motivo, é que pode ser trabalhado desde os primeiros anos da educação infantil, pois o início do processo de aprendizagem da leitura com as crianças começa a se dar a cada contato que elas têm com as letras, com as palavras e com os gêneros textuais, propiciando novas concepções leitoras. Com esta proposta de trabalho não se tem a pretensão de que as crianças façam a leitura propriamente dita ainda na educação infantil, mas sim de possibilitar a elas o convívio social e cultural que a leitura traz.

Palavras-chave:Letramento; Leitura; Educação Infantil.

Abstract: This work consists of an experience report developed by two teachers from the city of Jaguarão, in the south of the state of Rio Grande do Sul, who practice unconventional reading with three-year-old children. The teachers called the reported activity “the storyteller” which aims to promote significant literacy situations based on “reading games” for children in the first stage of basic education. Thus, they intend with this report to show the possibility of working with the social practice of reading even if early childhood students do not read conventionally. The habit of reading is built little by little and for this reason, it can be worked on from the early years of early childhood education, because the beginning of the process of learning to read with children begins to occur with each contact they have with children. letters, with words and textual genres, providing new reader concepts. With this work proposal, it is not intended that children do the actual reading in early childhood education, but rather to enable them to have the social and cultural interaction that reading brings.

Keyword:Literacy; Reading; Childeducation.

INTRODUÇÃO

Como há algum tempo vem sendo discutidas e analisadas no campo da linguagem as temáticas que abordam de maneira significativa a leitura e escrita na educação infantil, acreditamos que é de extrema importância que o contato com o “mundo letrado” se dê desde a mais tenra idade.

Deste modo, este relato tem por objetivo apresentar as experiências vivenciadas por duas educadoras frente às práticas pedagógicas de letramento na primeira etapa da educação básica.

As práticas de letramento são realizadas em uma turma de Pré I de uma escola pública municipal de educação infantil do município de Jaguarão/RS com crianças da faixa etária entre três e quatro anos, as quais envolvem a leitura não convencional enquanto prática social de leitura.

As professoras denominaram a atividade relatada como “o contador de histórias” que tem por objetivo promover situações significativas de letramento a partir da “brincadeira de ler” para as crianças da Educação Infantil, ou seja, a leitura é realizada pelos educandos através das imagens.

Essa prática se dá devido à necessidade que existe de ainda na educação infantil haver o desenvolvimento integral da criança, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Art. 29. “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”

Desse modo, pretende-se com esse relato mostrar a possibilidade de trabalhar com leitura mesmo que os alunos da educação infantil ainda não leiam convencionalmente, pois a leitura vai além de ressignificação de códigos e símbolos, a leitura de mundo se dá a partir da interpretação, compreensão e identificação, seja de leitura de imagens ou da leitura da vida.

PRATICANDO O LETRAMENTO NA SALA DE AULA

A atividade de ensino e aprendizagem enquanto prática de letramento se deu em uma Escola Pública Municipal do Município de Jaguarão, em uma turma com crianças com a idade entre três e quatro anos, denominada como Pré I.

A escola se localiza em um bairro de periferia, onde os alunos são de classe baixa, sendo o público alvo do próprio bairro. Ao diagnosticar a cultura ou inserção social das crianças, não se tem a intenção de rotulá-las, pois como aborda Lopez (2018, p. 29) a criança “é uma categoria social com características próprias. Pertence a um grupo capaz de produzir sua própria identidade cultural e não simplesmente reproduzir a cultura dos adultos com quem convive”. A escola tem ao todo menos de cinquenta alunos e o seu funcionamento é das oito horas até dezessete horas e trinta minutos, tendo alunos que frequentam em tempo integral e outros por turno.

Em relação a organização das turmas a escola segue a determinação da Resolução N° 01 de Março de 2016 do Conselho Municipal de Jaguarão que estabelece as normas para a oferta da Educação Infantil no Sistema Municipal de Ensino de Jaguarão indica em seu artigo 16:

Art 16 A organização dos grupos de crianças leva em consideração a proposta pedagógica e p espaço físico de 1,50 m² por criança, permitindo-se a seguinte relação criança/adulto e criança/professor:

I- Turmas de até 8 crianças de 0 a 2 anos, a cada educador;

II-Turmas de até 15 crianças por educador para os de 3 anos;

III- Turmas de até 20 crianças por educador para os de 4 a 6 anos (CMJ, 2016, p. 4).

Na sala de aula em que as práticas são realizadas tem doze alunos, o ambiente é pequeno, porém adequado à faixa etária das crianças, com mesas e cadeiras na altura delas, brinquedos a disposição, tapete disponível para colocar quando necessário para a atividade de hora do conto e a sala de aula é clara e arejada.

Diante do exposto acima, com o espaço físico adequado, o professor (a) deve oferecer experiências pedagógicas pelas quais as crianças sintam-se atraídas e motivadas a aprender, pois na Educação Infantil, mesmo a criança não sabendo ler e escrever, não quer dizer que, o contato com a leitura e a escrita tenha de ser limitado.

Como salienta Pinho (2014), essas situações têm de ter sentido para as crianças, para que, assim, exerçam as funções que a leitura e a escrita proporcionam, mesmo que não o façam convencionalmente, pois

É preciso ler e escrever em situações que tenham sentido para os alunos, para o projeto da turma, para a temática estudada, atuando o professor na seleção de gêneros textuais a serem ensinados e aprendidos em relação às suas características, mas principalmente efetivamente usados no cotidiano das salas de aula. (PINHO, 2014, p. 19).

Ao incentivar essas ações na Educação Infantil, o professor (a) estará contribuindo para que as crianças, ao longo desta etapa da Educação Básica, compreendam significativamente os usos dessas competências culturais, aprendendo de maneira prazerosa os usos da leitura e da escrita. Nesse sentido Corsino (2003, p. 93) salienta que

O significado é parte inalienável da palavra e de qualquer enunciação. Os textos, como já vimos, são enunciações: partem de alguém e se dirigem para alguém. É fundamental que os textos escritos oferecidos às crianças façam sentido para elas e que ler e escrever seja relevante e necessário para as suas vidas. Sendo assim, pergunto: que textos interessam às crianças da Educação Infantil? Que situações de leitura e de escrita vivenciam no seu cotidiano? Que textos circulam no seu meio social? Para que elas precisam ler e escrever? Que “tarefas”, relevantes para as crianças, necessitam da linguagem escrita? Sem conhecer tanto as práticas sociais de leitura e de escrita que as crianças vivenciam, quanto os seus interesses como é possível tornar a leitura e a escrita significativas para elas? (CORSINO, 2003, p. 93).

A partir disso é possível perceber que as crianças podem sim ser inseridas em algumas situações das práticas sociais em que a leitura e a escrita estão presentes de maneira significativa e prazerosa. Uma criança para ser letrada não precisa ser alfabetizada, pois estes processos não caminham juntos, são conceitos distintos, assim como afirma Soares (2006, p. 24).

a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso social e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada.

Para Brandão e Leal (2011), é na primeira etapa da educação básica que é preciso aproximar as crianças da leitura e da escrita de maneira expressiva, com isso, nos apresentam dois eixos de trabalho que permeiam essa etapa, os quais são: Apropriação de Sistema de Escrita Alfabética e Letramento. As autoras caracterizam estes eixos da seguinte forma:

Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética - atividades que promovam a compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabético e o desenvolvimento da consciência fonológica. Letramento surge através de atividades que promovam aprendizagens sobre diferentes gêneros discursivos orais e escritos que circulam socialmente e suas características (finalidades, conteúdos, estilo e composição próprios, suportes, destinatários e esferas de circulação (BRANDÃO; LEAL, 2011, p. 23-24).

As autoras argumentam que na Educação Infantil esses eixos são interdependentes, pois acreditam que, desde muito cedo, as crianças podem ser inseridas em algumas situações das práticas sociais em que a leitura e a escrita estão presentes. Acreditam também que é papel da professora proporcionar situações de reflexão sobre o Sistema de Escrita Alfabética na perspectiva do letramento em classes pré-escolares.

Deste modo, é imprescindível que o professor envolva seus alunos em atividades significativas de leitura e escrita, e que estas agucem a curiosidade dos educandos e façam sentido para os mesmos.

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Na primeira etapa da educação básica, a leitura de histórias em voz alta, pelo educador (a), mostra, assim, que as marcas gráficas no papel (que são diferentes das imagens) também indicam alguma coisa (BRANDÃO; ROSA, 2011).

Tem-se habitualmente na rotina escolar desta turma, a hora do conto, portanto, neste momento da aula as educadoras preparam o ambiente para realizar a contação de história, que acontece com os alunos e professora sentados em roda em cima de um tapete, tanto na sala de aula, quanto no pátio da escola. Deste modo,

... a roda de histórias possibilita que a constituição de uma identidade grupal faça parte das práticas educativas. Isto porque professora e crianças participam juntas de uma atividade em que vão descobrindo palavras que soam engraçadas, enredos que despertam a curiosidade pelo seu encadeamento, tramas que geram tensão seguida de alívio. Desse modo, além de partilharem palavras, os integrantes da roda partilham sentimentos, pensamentos, formas de interpretar a si mesmos e a realidade vivida (BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 37).

Para a realização da hora do conto, inicialmente a educadora escolhe um livro de acordo com o tema do projeto abordado na semana, por exemplo, se o tema trabalhado for os animais as histórias desta semana serão relacionadas a isso, podendo ser um dia animais domésticos, no outro dia animais selvagens, na próxima aula animais marítimos, na outra animais da fazenda, entre outros. Para Madalena Freire (1983, p. 70), “O planejamento das atividades se faz e se refaz, dinamicamente, na prática”. Desta forma, pensar na hora do conto

exige um planejamento prévio, não basta pegar uma história aleatória e inserir no contexto, assim como percebemos no excerto abaixo:

... a roda de história no contexto das salas de Educação Infantil deve se constituir em uma ação planejada e dirigida com intencionalidade pedagógica pela professora, que seleciona previamente a história, pensa na melhor estratégia para apresentá-la ao grupo, formula perguntas, dá informações complementares, sugere atividades que podem ser integradas e complementam a leitura ou contação (BRANDÃO; ROSA, 2011, p. 48/49).

Ao longo da hora do conto, normalmente os alunos vão fazendo comentários sobre as histórias analisando e se apropriando da mesma. Contudo, após a contação da história a educadora questiona os educandos sobre a história a fim de que eles reflitam e ponderem a mesma. Em concordância com Brandão e Rosa (2011, p. 43) “promover conversas em torno da leitura e da escuta partilhada de histórias aumenta, assim, nossa possibilidade não apenas de compreender, mas de apreciar histórias, e para tanto, a mediação da professora é fundamental.”

Conforme Brandão e Rosa (2011), a leitura em voz alta mediada pela professora na Educação Infantil, mostra para as crianças que as marcas gráficas no livro, ou seja, o texto podem comunicar algo na história assim como as ilustrações.

Ao término da discussão as professoras entregam o livro para os alunos a fim de que eles mantenham o contato com o livro, ficando por conta dos educandos como ocorrerá este manuseio.

Daí a importância de salientar o papel do professor como organizador. Organizador no sentido, porém de quem observa, colhe dados, trabalha em cima deles. Com total respeito aos educandos que não podem ser puros objetos da ação do professor. (FREIRE, 1983, p. 21).

De acordo com o arbítrio de cada uma das crianças elas optam pela forma que se dará este processo, alguns fazem a leitura silenciosa, outros fazem a leitura para o grande grupo e há ainda aqueles que fazem a leitura em grupos menores, contendo apenas parte da turma. Parafraseando Lopez (2018, p. 30).

A fantasia, a ludicidade e a brincadeira são inerentes a criança. No *faz de conta*, a criança tem as possibilidades que precisa para construir sentido e significado para

aquilo que está a sua volta e ela ainda não se deu conta. Esse exercício também faz parte do processo de desenvolvimento, uma vez que esta transposição do real para o imaginário – e vice-versa – também faz parte do amadurecimento das estruturas do pensamento e do raciocínio.

Pensar nos aspectos da infância, e nas aprendizagens que nela são construídas, nos levam a perceber a relevância das práticas de letramento na Educação Infantil, pois através da “brincadeira” e da fantasia a criança constrói a sua verdadeira realidade.

A partir destes acontecimentos diários as educadoras estabeleceram um dia da semana para ocorrer à atividade “o contador de história”, em cada terça-feira, um aluno era convidado para ser o contador de história, a educadora procurava escolher um livro de acordo com a temática da semana e de preferência uma história que fosse nova para os educandos para que eles pudessem fazer sua própria leitura. Para Madalena Freire (1983, p. 25) “É construindo representações, símbolos, que a criança registra, pensa e lê o mundo”.

Por se tratarem de crianças ainda pequenas eles não sabem fazer a leitura propriamente dita, então eles fazem a leitura a partir da imagem, contudo percebe-se que muitos deles começam a reproduzir práticas leitoras, como acompanhar com os olhos as letras e também com o dedo, mesmo sem praticar efetivamente a leitura eles se posicionam como um leitor e veneram ser escutados. De acordo com Madalena Freire, “É através do jogo simbólico, do “faz-de-conta”, que a criança assimila a realidade externa – adulta – à sua realidade interna”. (1983, p. 25), é esse fazer de conta que proporciona através da imitação a construção da posição de leitora da criança.

Assim, a criança se apropria da sua “leitura de mundo” para se apropriar das situações sociais que a linguagem através da “brincadeira de ler” consegue desenvolver. A partir disso Madalena Freire salienta que (1983, p. 69).

Talvez se faça necessário falar aqui em linhas gerais de como é visto, por nós, o processo de alfabetização propriamente dito. Para nós ele não se inicia no Pré, porque o ato de ler não se reduz ao processo de leitura da palavra. A leitura da palavra é um momento fundamental desse processo. Mas a criança já faz várias leituras do mundo que a rodeia, antes do início da leitura da palavra. É através da leitura de indícios, da representação simbólica, que a criança “escreve” o que ela já lê do mundo, que ela busca conhecer. É da leitura dos símbolos que mais tarde ela chega à leitura do SIGNO – da palavra.

Nesse sentido, Leal e Silva(2011) salientam também que as crianças que já se apropriam das práticas lúdicas de contar e ler histórias para desde cedo podem apresentar mais facilidade no processo de alfabetização.

A prática do “contador de história” começou como uma brincadeira e passou a ser uma prática de letramento na sala de aula, um projeto indireto que tornou-se um exercício de aprendizado e que causava muita expectativa frente às crianças, pois quando eles viam um livro já perguntavam se poderiam ser o “contador de história”, demonstrando que este papel de “contador” era de grande importância na sala de aula os deixava eufóricos, com Brandão e Rosa (2011, p. 36).

Alguns estudos também mostram que as crianças que participam regularmente da roda de histórias desde a Educação Infantil desenvolvem conhecimentos distintos daquelas que não tiveram essa experiência. Além disso, observa-se que elas apresentam comportamento imitativo do adulto, repetindo gestos, propondo brincadeiras com livros, ensaiando ser contadoras e leitoras de histórias.

Sendo assim, as crianças da educação infantil ao fazerem de conta que estão lendo já mostram que apesar da “pouca idade” possuem capacidade de observar e se apropriar das práticas sociais que a linguagem está presente. Leal e Silva (2011, p 61) apontam que

Ao fazer de conta que leem, as crianças encenam situações sociais que a escrita faz-se presente e tendem a imitar os modos como os adultos praticam as atividades de ler diferentes gêneros discursivos. Nesses momentos, elas reproduzem não apenas o conteúdo da história, mas também trechos do texto.

O ato de brincar de ler proporciona aos educandos a experiência de sentirem-se leitores, mesmo não sendo a leitura convencional, pois eles exercitam a expressão oral, praticam a relação social, aprendem sobre os eventos sociais que a escrita se faz presente e ainda se divertem através da ludicidade.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Refletir sobre o projeto “o contador de histórias” faz com o que percebamos o quanto é necessário trabalhar com práticas leitoras em uma sala de educação infantil, de acordo com Leal & Silva (2011, p. 60) “Neste tipo de prática, que não é uma brincadeira, embora seja uma

atividade lúdica, as crianças se familiarizam com a linguagem literária, além de ampliarem seus repertórios textuais.”

Através do faz-de-conta, o brincar de ler vai tornando-se parte da realidade destas crianças e a prática da atividade virando rotina, para Freire (1989, p. 7), “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo”, ou seja, a leitura da palavra da continuidade a leitura de mundo, uma da seguimento a outra. Para Madalena Freire (1983 p. 70) “É na relação dinâmica entre palavra e mundo que a criança **pensa** sobre seu mundo, e se **apropria da sua palavra...** [destaque utilizado pela autora]

Leal e Silva (2011, p.63) apontam a importância das crianças se apropriarem das brincadeiras de ler, pois

Familiarizar-se com textos literários, ampliar o repertório textual dessa esfera social, apropriar-se da linguagem escrita, atentando para diferentes recursos expressivos e estéticos, são alguns dos ganhos que a criança pode ter ao participar dessas brincadeiras.

O projeto “o contador de histórias” teve início como uma brincadeira, entretanto a brincadeira para a criança é coisa séria, através da mesma constrói-se inúmeras aprendizagens inclusive as práticas leitoras, assim como nos diz Soares (2006, p. 24)

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada.

Com isso, proporcionar às crianças o contato com a leitura é de responsabilidade do professor, acomodar o ambiente adequado e propor brincadeiras dirigidas possibilitam que as práticas de letramento aconteçam.

Diante disso, Leal e Silva (2011, p. 68) salientam como o letramento pode ocorrer ao brincar, haja vista que

Nas brincadeiras de ler, a criança pode fazer de conta que está lendo um jornal ou um livro, sendo evidente nessa situação o contato da criança com a cultura escrita e com as formas próprias da linguagem que se usa para escrever, da qual ela também se apropria por meio dessas brincadeiras.

Com isso, ao se apropriarem dos eventos que a leitura e a escrita proporcionam é importante salientar que cada momento com tais situações significativas são fundamentais para as crianças, inclusive a roda de conversa que é conduzida pela educadora após a contação da história, pois o que pode parecer apenas comentários da história é na verdade, um espaço de reflexão e discussão dos educandos desde que “a professora assuma o papel de mediadora, criando uma situação de diálogo em que as crianças sejam realmente ouvidas, assegurando-se de que a roda de história seja de fato um encontro entre leitores.” (BRANDÃO & ROSA, 2011, p. 45).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (FREIRE, 1989, p. 9).

Tendo em vista as práticas sociais de leitura mencionadas acima percebemos quanto às práticas de letramento na educação infantil são influentes para o comportamento leitor da criança. Através desta atividade “o contador de história”, tem-se trabalhado o exercício da leitura, observado as práticas leitoras e adquirindo hábitos da cultura leitora.

De acordo com Ferreiro (1987, p. 21) “... aprender a ler começa com o desenvolvimento do sentido das funções da linguagem escrita”, por isso que é tão importante instigar as crianças na primeira etapa da educação básica, fazendo com que sintam-se provocadas e desejosas pela aprendizagem das práticas sociais da leitura e escrita desde cedo.

Porém, para que tais ações aconteçam de maneira expressiva, é imprescindível que o professor(a) envolva seus alunos em atividades significativas de leitura e escrita, e que estas agucem a curiosidade dos educandos e façam sentido para os mesmos.

Portanto, o hábito de ler se constrói aos poucos e por esse motivo, é que pode ser trabalhado desde os primeiros anos da educação infantil, pois o início do processo de aprendizagem da leitura com as crianças começa a se dar a cada contato que elas têm com as letras, com as palavras e com os gêneros textuais, propiciando novas concepções leitoras. Com esta proposta de trabalho não se tem a pretensão de que as crianças façam a leitura propriamente dita ainda na educação infantil, mas sim possibilitar a elas o convívio social e cultural com a leitura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n.º 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 03 de Agosto de 2020.

BRANDÃO, Ana Carolina Perussi; ROSA, Ester Calland de Souza. Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perussi; ROSA, Ester Calland de Souza (org). **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CORSINO, Patricia. Infância, Linguagem e Letramento: **Educação Infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2003.

FERREIRO, Emilia. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Freire, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4) – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

JAGUARÃO. Conselho Municipal de Educação. **Resolução 01 de 01 de março de 2016**-estabelece as normas para a oferta da Educação Infantil no Sistema Municipal de Ensino de Jaguarão. 2016.

LEAL, Tela Ferraz; SILVA, Alexsandro. Brincando, as crianças aprendem a falar e a pensar sobre a língua. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perussi; ROSA, Ester Calland de Souza (org). **Ler e escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

LOPES, Daiane Monique Pagani. Vivências de Ateliê: pensando as práticas de acompanhamento, registro e avaliação na educação infantil. (**Relatório Crítico reflexivo**). Mestrado Profissional em Educação. UNIPAMPA, 2018.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
PINHO, Patrícia Moura. Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando? **Revista Trajetória Multicursos**. Anais do XVIII do Fórum Internacional de Educação. Volume 5. Agosto de 2014.